

MARIA APPARECIDA GUIMARÃES OLIVEIRA

Maria Aparecida Guimarães Oliveira nasceu em 1931, no Rio de Janeiro, e veio para São Paulo em 1934. Fez toda a sua formação no Instituto de Educação Padre Anchieta, onde se formou normalista em 1950. Trabalhou como professora de Alfabetização de Adultos numa escola do SESI – Serviço Social do Comércio. Foi professora substituta da Padre Anchieta, e ingressou como professora primária na Escola Estadual Romão Puiggari em 1968. Fez toda a sua carreira nessa escola, onde é conhecida por “Dona Guimarães”. Lá, aposentou-se como diretora em 2001.

Identificação do depoente

Meu nome é Maria Aparecida Guimarães Oliveira. Nasci no Rio de Janeiro, vim para São Paulo com três anos de idade e fui morar no Brás.

Infância do depoente

O Brás da minha infância era muito bonito, era muito bom. Tinha o Teatro Colombo, no Largo da Concórdia. E eram os italianos que vinham, que freqüentavam o Brás. Tinha o Carnaval nas ruas, com aqueles carros, o curso que ia na Avenida Rangel Pestana, perto de onde eu morava. Na Avenida Rangel Pestana punham cadeiras, lá se vivia. Agora não existe mais isso, o Teatro Colombo com aqueles tenores italianos que vinham, era uma maravilha o Brás.

Formação: Escola Primária

Eu tinha seis para sete anos quando entrei na escola. Foi no Instituto Feminino de Educação Padre Anchieta. A minha professora era a Dona Rafaela. Era uma senhora morena, cor bem escura. Depois, ela ficou sendo diretora do Primário. Fui alfabetizada, muito bem alfabetizada, por essa professora. Nas classe só havia meninas.

Escola Primária: organização, currículo e métodos de ensino

A alfabetização era bem diferente. A professora picava os jornais e mandava a gente tirar as letras do jornal e fazer uma cópia. Colocava frases, e eu fui alfabetizada assim. A professora também lia histórias. História antiga, história de “Chapeuzinho Vermelho”. Ela lia e depois pedia para cada aluno se levantar, contar a história que ouviu, e ela perguntava: “Vocês são capazes de escrever alguma coisinha?” E a criança ficava fazendo desenhos, cortava desenhos com a história que ela contava, fazia aquele desenho todo cortado.

Caligrafia era uma das coisas principais que a gente tinha, antigamente. Escrevia naqueles cadernos de caligrafia que a gente comprava, hoje acho que nem existe mais. E ela ensinava a fazer a primeira letra e, depois, ensinava a caligrafia. A gente também desenhava, ela falava que desenhasse o que quisesse, não colocava na lousa nada para desenhar.

Todas as crianças eram bem uniformizadas. O nível aquisitivo das crianças não era como hoje, que as crianças não têm nem o que comer, vão na escola, passam três vezes na merenda para poder comer e, ainda, pedem se pode levar para a mãe. Antigamente era muito diferente. Ganhava-se menos, mas podia-se, até, guardar um dinheirinho.

A própria professora confeccionava o material de que precisava para trabalhar.

Escola Primária: Material Escolar

Tinha caderno de caligrafia, caderno de desenho, caderno de linguagem – que eram aqueles retangulares.

Formação: Ginásio

Para entrar no Ginásio tinha que fazer exame de admissão*. Eles faziam uma seleção, tinha exame para tudo: Português, Matemática, História, Geografia...

Atividades extra-curriculares

Tinha fanfarra, música, canto orfeônico*. A professora ensinava as músicas, os hinos pátrios e outras músicas.

No Ginásio tinha jogo de vôlei, já tinha bola ao cesto, ginástica rítmica. Eu dava mais para o esporte, sempre gostei. Eu fui atleta do São Paulo Futebol Clube. Corria os 100 metros rasos com barreira, salto de extensão, jogava dardo. Eu até competi, eu fui até o Paraguai.

Hora do Recreio

A atividade de recreio era comum, mas a professora acompanhava, ela ia para o recreio junto com as crianças. As crianças tomavam o seu lanche, depois iam para o banheiro, depois ela formava, assim, um grupinho para cantar, para fazer roda.

Escolha Profissional

Eu sempre tive vontade de ser professora. Eu freqüentei um colégio de freira, para aprender bordado, depois, quando eu já tinha tirado a quarta série primária. Com 12 anos eu perdi o meu pai. Então a minha mãe não podia pagar muita coisa para mim, mas eu freqüentei o colégio de freiras, onde aprendi bordado, culinária, tudo. Mais de, uns dois anos, eu freqüentei o colégio de freiras.

Formação: Normal

Eu me casei com 15 para 16 anos, eu só tinha o Ginásio*. Depois voltei, prestei o concurso para o Magistério, antigamente era o Magistério. E depois do Magistério eu ainda fiz especialização.

Curso Normal: organização, currículo e métodos de ensino

Nossa! Eu achava muito difícil, porque tinha todas as matérias. Os meus professores foram professores famosos. Em Matemática tinha o Oswaldo Sangiorgi. Dona Marianinha Neves era de Religião

Tinha aula de História Natural, sobre os bichos. Para fazer aula de prática, nós tínhamos uma professora que dizia: “Vocês levam o bicho. Se, de repente, acontecer alguma coisa eu dou zero para vocês”. Então a gente ficava meio amedrontada da aula de prática. Eu levei um cachorrinho, eu olhava para o cachorro, com medo que ele latisse ou se levantasse do lugar, mas eu tive a felicidade de dar a aula inteirinha, tive a minha melhor nota porque o cachorro não se mexeu, ficou lá. Eu fiz com que o cachorro ficasse ali, mas eu também havia treinado muito com o cachorro.

Em Religião tinha histórias da Bíblia, era o Antigo Testamento. A gente estudava, tinha prova e tudo, era uma aula bem alegre. Em Música também. Não era aula de a gente decorar.

Os livros que se usava no Normal eram dos próprios professores, que eram muito importantes. Oswaldo Sangiorgi, Samir Sedek de Sociologia, maestro João Julião.

Ensinar na Escola Primária

Lá na Escola Padre Anchieta*, quando eu era normalista, se faltava professor eles chamavam alunas de lá para dar aula. Quando eu comecei a dar aula, eu me baseei numa ótima professora que tinha na escola, a Ivone. Eu fui dar aula para o terceiro ano. A sala dela ficava encostada na minha sala; aí eu ia lá, olhava como ela dava aula, voltava, e dava a mesma aula que ela dava. E eu fui bem feliz, graças a Deus! Sempre passei alunos, meus alunos até hoje são ótimos.

Depois eu entrei na Escola Romão Puiggari*, por concurso. Lá sempre trabalhei com quarta série. Eu sempre gostei das carteiras em ordem, a classe limpa. Eu era muito enérgica, amiga mas enérgica, então a diretora dava a pior classe para mim, não era a pior classe de alunos, porque não existe aluno ruim. Mas eram alunos rebeldes, alunos que brincavam na sala. Eu chegava sempre quase meia hora antes porque, para você ter disciplina numa classe, eles precisam estar trabalhando, estar escrevendo. Eles chegavam e colocavam aquele plástico na carteira e já tinha lição de Linguagem; enquanto eles faziam uma lição eu já corrigia, já passava Matemática.



Prédio do Terceiro Grupo Escolar do Braz, posteriormente, EE Padre Anchieta. Fonte da foto: São Paulo (Estado). Inspetoria Geral do Ensino. *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo - 1908-1909*. São Paulo: Tip. Siqueira, Salles & Cia., 1909

E, geralmente, havia professoras lá que falavam: “Olha, Guimarães, você pode dar aula de Matemática e Português na minha sala, e eu dou História, Geografia e Ciências?” Então, a gente trocava.

O que eu mais gostava de ensinar era Música. Dava orfeão, os cantos pátrios. Na hora do recreio, antes de entrar, eles também cantavam.

Ensinar na Alfabetização de Adultos

Quando eu saí da Padre Anchieta eu dei aula de alfabetização. Alfabetização de adultos era como o seriado de hoje. Numa sala eu tinha, mais ou menos, 50 alunos na sala, e eu dava aulas para primeira série, para segunda série, para terceira série e para quarta série, na mesma sala.

Funcionava assim: eu chegava, passava a lição para a terceira e quarta séries, explicava. E enquanto eles iam fazendo os deveres, eu alfabetizava a primeira série. Eram aqueles trabalhadores braçais, do Norte e Nordeste; de São Paulo eram poucos. Pegava na mão deles para alfabetizar direitinho.

Até para o meu curso de alfabetização de adultos eu dava canto. Eles cantavam essas músicas antigas, essas valsas. Eu fazia o orfeão, fazia duas vozes. E os adultos cantavam. Eles adoravam porque era uma coisa diferente. Não era só lição. Todos eles cantavam, vinha um com violão para tocar...

Ritos e Comemorações na Escola

Toda quarta-feira hasteava a bandeira e eles iam para a Igreja do Bom Jesus, em frente da Escola Romão Puiggari*. Toda primeira sexta-feira do mês mandava rezar a missa lá e ia a escola inteira; quem não era católico ficava com o professor que não era católico, dando aula de religião. Tinha japonês, tinha muito aluno coreano, eles não eram obrigados a ir, mas eu deixava o

professor: “Você não é católica, então você fica dando aula aqui para todos os alunos que não vão na igreja”, e o professor ficava lá.

Hasteava a bandeira e cantava também. Quando tinha, por exemplo, a Independência do Brasil, a gente fazia festa lá na escola. Todas iam lá para o recreio, cantavam, faziam demonstrações. Dia da Bandeira também.

Trabalhar como Diretora

Quando eu era diretora houve muitas mudanças que a Secretaria de Educação fez, para melhor. Já faziam programação, por exemplo, para a parte de Ciências. Eles iam lá para se informar, fazer aquelas pesquisas. Tiraram aquela coisa toda decorada. Ficou diferente.

A alfabetização também mudou. Tiraram aquela cartilha, muitas professoras usavam o método antigo com o método moderno, juntavam. Depois elas foram se ambientando com o modo da Secretaria da Educação. Pelo menos da parte de alfabetização foi tudo muito mudado, foi da água para o vinho. Foi muito difícil. Havia vários cursos que a Secretaria de Educação programava para professores. Então eles foram se entrosando. Como agora, há muitos cursos na Diretoria de Ensino, há muitos cursos que formam os professores de primeira a quarta série. Então os professores vão lá, se atualizam bem. Eu acho muito certo que não tenha só coisa antiga, tem que se programar para o bem, para o melhor



Prédio da Romão Puiggari, quando denominava-se Primeiro Grupo Escolar do Braz. Fonte da foto: 3a. Conferência Nacional de Educação: 7 de Setembro de 1929. *Estado de São Paulo: Edifícios Escolares.* São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1929.

Aposentadoria

Antigamente, eu acho que o professor alfabetizava bem melhor do que agora. Mas a gente tem que se modernizar, a gente não pode ficar sempre atrasado. Tem que sempre estar atualizado. Por isso que a gente tem que se aposentar e dar lugar para outra pessoa, para os moços. Dia 20 saiu a minha aposentadoria.

Valeu muito ser professora. Se eu voltasse para o mundo novamente, se eu morresse e voltasse, eu queria ser professora. Mas professora como eu fui. Eu nunca gostei de ser diretora de escola, de ser supervisora, eu nunca quis ser nada. Eu sempre quis ser professora para lidar com os alunos, na alfabetização de adultos, que eu lidei, com as crianças. Sempre quis ficar na escola. Como eu fiquei no Romão Puiggari, 38 anos, minha vida, é uma vida, eu fiquei.

Futuro da Escola

A escola que é alicerce da criança e de todos. A escola é o alicerce. Quando eu comecei na Romão Puiggari, as crianças tinham um poder aquisitivo bem melhor. Não tinha, como eu tenho agora, crianças de debaixo do viaduto, dos abrigos. Hoje a criança vem sempre com fome, não tem em casa o que tem na escola, a merenda. Têm algumas crianças que entram para comer merenda duas, três vezes. Moram em casa de cômodos, nos quartinhos, cinco, seis, sete pessoas num cubículozinho. Então, as crianças vão para a escola e têm vontade de brincar no recreio, têm vontade de jogar uma bola; elas chegam na escola e ficam alucinadas para ir para o pátio, que é muito grande. Eu tenho Inspetores de Alunos que brincam com as crianças, tocam música, cantam com as crianças. O recreio é um recreio bom para as crianças que não têm nada em casa, para se orientarem, para brincarem. Eu tenho muita pena dessas crianças, das minhas crianças. Precisa preparar os professores para trabalhar com essas crianças e também precisa melhorar o poder aquisitivo na parte da escola para fazer essas crianças ficarem melhor. Porque sem dinheiro você não pode fazer nada. Os professores precisam fazer esses esforços, conversarem lá, como eu aprendi no curso de Gestão, para saber lidar com os alunos.

Depoimento editado em maio de 2001 por Zilda Kessel

Glossário

Canto Orfeônico

Trata-se do canto coral de capela, tinha função cultural e recreativa. Foi uma tradição em quase toda a Europa do século XIX.

No Brasil a prática do canto orfeônico se iniciou a partir de 1912, mas só alcançou prestígio e importância com o trabalho de Villa-Lobos. Segundo ele, o canto orfeônico era o meio mais eficaz de educar as massas, pois integrava a sociedade num sentimento coletivo e disciplinado de amor à pátria.

Foi o presidente Getúlio Vargas, que em 1932, tornou o ensino do canto orfeônico obrigatório nas escolas, e para habilitar os professores nessa disciplina criou o Curso de Pedagogia de Música e Canto Orfeônico e o Orfeão dos Professores do Distrito Federal.

O canto orfeônico era apresentado durante as comemorações cívicas, que ganharam enorme projeção durante o governo de Getúlio Vargas, transformando-se em manifestações públicas de apoio e homenagem ao presidente. Esses espetáculos marcavam todos os feriados nacionais, como o

Dia do Trabalho, a Independência do Brasil, o Dia da Bandeira, entre outros. Possuíam dimensões gigantescas e eram apresentados em estádios de futebol ou no pátio do Ministério da Cultura.

Fontes:

- www.samba-choro.com.br
- www.tabledit.hpg.ig.com.br/biografia_villa-lobos

Escola Padre Anchieta

O Terceiro Grupo Escolar do Braz, anteriormente Seção Feminina do Grupo Escolar do Braz, foi criado por decreto de 8 de agosto de 1898, e devidamente instalado no dia 11 de agosto do mesmo ano. Como houve, nessa seção, grande número de matrículas, o governo a instalou de forma independente do Primeiro Grupo Escolar do Braz, nomeando para dirigi-la o professor Arthur Goulart. Inicialmente, funcionaram apenas duas séries – o 1º. e o 2º. ano. O primeiro subdividia-se em três seções – A, B e C; o segundo, em duas – A e B. O número de alunas matriculadas ao final do primeiro ano de funcionamento da escola chegou a 184. A seção masculina, criada por Cardoso de Almeida, então Secretário do Interior, foi instalada em fevereiro de 1906, com 199 alunos. Segundo o Anuário da Educação de 1913, esse grupo escolar, então denominado Terceiro Grupo Escolar Modelo do Braz, funcionando no mesmo edifício da Escola Normal do Braz, teve matriculados, naquele ano, 906 alunos, com frequência média de 609. Seu diretor era Arthur da Cunha Glória, normalista. Conforme decreto de 2 de dezembro de 1938, essa escola passou a se chamar Grupo Escolar Rocca Dordal. Por ocasião da reestruturação da rede oficial de ensino do Estado de São Paulo, na gestão do Secretário de Estado dos Negócios da Educação, José Bonifácio Coutinho Nogueira, conforme resolução nº. 24, de 28 de janeiro de 1976, esse grupo escolar fundiu-se com o Instituto de Educação Padre Anchieta, para constituir a Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Padre Anchieta” (publicado no DOE, de 29.12.1976, pp.18 e 21). A atual EE Padre Anchieta foi criada como Escola Normal do Braz, em 24 de dezembro de 1912, e instalada em 31 de março de 1913, tendo como diretor o Professor Sebastião Dias. Posteriormente, recebeu os nomes de Escola Normal Feminina da Capital, Escola Normal Padre Anchieta (1920), Escola Normal e Ginásio Estadual Padre Anchieta e Instituto de Educação Padre Anchieta.

Um dos edifícios onde funciona a atual EE Padre Anchieta, na rua Visconde de Abaeté, 154, no Brás, foi construído em 1912; o outro, em 1955. Pelo alto valor histórico na evolução educacional do Estado de São Paulo, juntamente com outras 122 escolas públicas da capital e do interior, o prédio construído em 1912 foi tombado pelo Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), conforme publicação do Diário Oficial do Estado de São Paulo, do dia 7 de agosto de 2002, páginas 1 e 52.

Fonte:

- www.crmariocovas.sp.gov.br

Escola Romão Puiggari

O Primeiro Grupo Escolar do Braz foi criado por decreto de 8 de agosto de 1898, e instalado no dia 15 do mesmo mês e ano, em prédio de propriedade do Estado. Situado na avenida Rangel Pestana, o grupo recebia, anualmente, segundo o Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1907/1908, matrículas de 700 a 800 alunos de ambos os sexos. O seu primeiro diretor foi o professor Mario Arantes, logo substituído pelo professor Francisco Pinto e Silva. O edifício em que estava instalado dispunha de 16 salas de aula: esse grupo se distinguia dos demais pelo número elevado de classes, provavelmente devido à alta demanda escolar da capital. Passou por reformas a partir de 1926, devido a um incêndio ocorrido em suas instalações. Pela resolução nº. 24 da Secretaria de Estado da Educação - SEE, de 28 de janeiro de 1976, constante do Diário Oficial de 29 de janeiro de 1976, o Grupo Escolar "Romão Puiggari" e o Colégio Estadual "Anne Frank" (criado pela lei nº. 9.246, de 19 de janeiro de 1966, Diário Oficial de 21 de janeiro de 1966) fundiram-se para constituir a Escola Estadual de Primeiro Grau "Romão Puiggari". Segundo dados do Sistema de Informações Educacionais, a escola atendeu ao Ensino Supletivo de Segundo Grau a partir de 2/2/1988. Foi transformada em Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus pela resolução nº. 163 da Secretaria de Estado da Educação, de 22 de julho de 1988, constante do Diário Oficial de 23 de julho de 1988. Conforme publicação do Diário Oficial do Estado de São Paulo, do dia 7 de agosto de 2002, páginas 1 e 52, pelo alto valor histórico na evolução educacional do Estado de São Paulo, juntamente com outras 122 escolas públicas da capital e do interior, seu prédio foi tombado pelo Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT).

Fonte:

- www.crmariocovas.sp.gov.br

Exame de admissão

Exame destinado a testar o aluno para comprovar se este estava apto a passar para o próximo nível ou série. Os exames de admissão eram largamente empregados na época em que o ensino fundamental de 1ª a 8ª série era dividido em primário (1ª a 4ª) e ginásio (5ª a 8ª). O exame de admissão era aplicado ao aluno que havia concluído a 4ª série primária, a fim de verificar se estava apto a prosseguir na 5ª série, ou primeira do ginásio.

Fonte:

- AZANHA, José Mário Pires. *Educação: alguns escritos*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1987.

Primário e Ginásio

O ensino **Primário** correspondia aos primeiros anos da alfabetização. Era dividido em dois ciclos: o Elementar e o Complementar. O ensino Secundário era também dividido em dois ciclos, sendo o primeiro denominado **Ginásio** e o segundo Colégio.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 5.692 de 11 de Agosto de 1971 unificou o Ensino Primário e o primeiro ciclo (Ginásio) do Ensino Secundário, criando o Ensino de Primeiro Grau. O Colégio (correspondente ao segundo ciclo do Ensino Secundário) tornou-se Ensino de Segundo Grau.

Essa estrutura foi mantida até a aprovação da Nova Lei de Diretrizes e Bases em 20 de Dezembro de 1996 (Lei nº 9.394), quando o Primeiro Grau se transformou em Ensino Fundamental e o Segundo Grau em Ensino Médio.

Fonte:

- PILLETTI, Nelson. *Estrutura e funcionamento da Educação*. São Paulo; Editora Ática, 1998.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.